

Silves Catálogo de Exposição Arqueologia
Pré-História Proto-História Época Romana
Período Islâmico Idade Média Época
Moderna E a Fénix renasceu das cinzas...





FICHA TÉCNICA

Direcção, Coordenação e Textos
Mário Varela Gomes

Restauração

Céu Mateus
Isabel Nunes
Lúcia Cabrita

Desenho

Ana Machado
Susana Vilar
Cristina Gaspar
Margarida Carmo

Montagem

Lúcia Mogo
Luís Miguel Cabrita

Fotografia

Mário Varela Gomes
Luís Miguel Cabrita
Amílcar Ventura



Câmara Municipal de Silves
Setembro, 1990

Edição subsidiada pela
Região de Turismo do Algarve

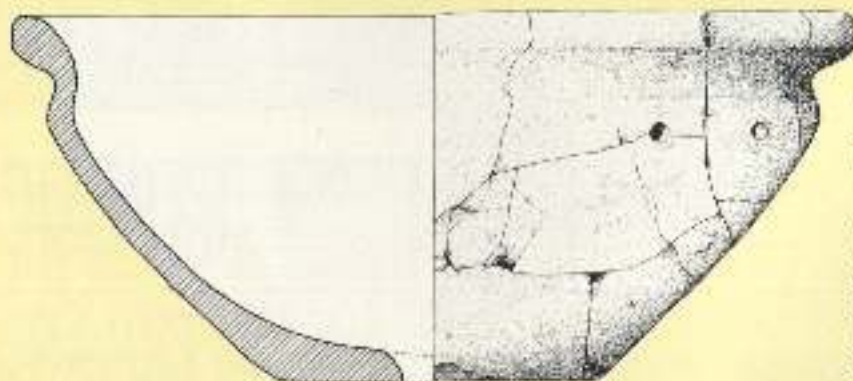
sermano — oficina de artes gráficas, lda.



Idade do Ferro e Período Romano



Cerâmica Portuguesa, séc. XVI
Paço da Câmara



Vaso, II Idade do Ferro, séc. IV a.C.
Rocha Branca

E a Fénix renasceu das cinzas...

É o pensamento que me ocorre ao inaugurar o Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

Casa adquirida para uma obra social, a descoberta valiosa da cisterna muçulmana do século XIII transforma-a no cofre forte das relíquias do passado, dando a conhecer todo um espólio precioso até aqui ignorado de todos nós.

A técnica e a responsabilidade, aliadas a um conhecimento profundo das coisas da Arqueologia, e o gosto pelo trabalho do Arq.^o Mário Varela Gomes e da Dr.^a Rosa Varela Gomes, com a ajuda e colaboração dos executivos camarários, entre os quais aquele a que me honro de ter presidido quando do início das pesquisas arqueológicas, culminam hoje em apoteose porque a partir de agora, Silves e o País ficam mais ricos, a Cultura e a História têm morada e espaço con-dignos.

Vamos abrir a porta que dá acesso a testemunhos que ilustram um milhão de anos de História, de Cultura, de Arte, e em cujas reminiscências se afirma a identidade dum Povo.

Aqui se encerram sonhos e lutas, feitos de derrotas e de vitórias, se guardam esperanças e desilusões; Casa Grande que contém um passado de pó, cinza e oiro, e que doravante, aqui viremos contemplar suas relíquias em ronda de saudade pelo passado grandioso e belo ou, simultaneamente, reflectir e pensar no futuro que queremos próspero e fecundo, ali-cerçado em esperança de Abril florido que, pela vontade dos homens, resplandecerá de criatividade, de labor e inteli-gência.

Honrando o Passado e dignificando o Presente, saibamos construir o Futuro.

Que não desmereçam as novas gerações toda a grandeza que estas paredes encerram, que são a alma e a razão de ser dum Povo.

Esta Casa, mais do que um repositório de História, de Arte e Cultura, deverá ser a fonte inspiradora de todos quantos, amando a sua terra, a hão-de celebrar e dignificar no mundo da ciência, da arte, da investigação; e dela brotará a seiva vivificante para os sequiosos de saber onde gerações vindouras, pela sua obra hão-de honrar e glorificar a nossa bela e sempre amada Silves.

Marco histórico na vida do Município, é minha honra assistir, na qualidade de Cidadão Presidente da Câmara, à inau-guração do Museu Municipal de Silves.

Agradeço a Deus o privilégio que me concedeu, pelo facto de tão importante efeméride que, por si só, ligará para sempre à História da Cidade o nome do executivo a que me honro de presidir.

Mais uma jóia a acrescentar à coroa da Cidade. Saibamos nós merecê-la.

Silves, Paços do Concelho, aos 7 de Agosto de 1990.

O PRESIDENTE DA CÂMARA



José Francisco Viseu

O MUSEU

Situada no centro histórico, o Museu Municipal de Arqueologia de Silves foi, propositadamente, concebido de modo a proteger e a valorizar o poço-cisterna almoada, hoje Monumento Nacional, assim como importante sector da muralha, daquele mesmo período, que cercava a antiga *medina*. Conserva, ainda, a fachada de um edifício das finais do século XIX e exhibe parte significativa do rico espólio exumado em escavações realizadas no concelho, sobretudo, nos últimos dez anos.

Servido por soluções técnicas e plásticas de marcada modernidade, o Museu assume-se como peça arquitectónica, com presença própria, estruturada e bem definida, embora integrada no tecido urbano antigo da cidade. Deste modo, pretendeu-se veicular conceitos relacionados com a evolução de cada aglomerado, do diferente uso dos seus espaços, e com a temática respeitante tanto à utilização do património do passado, como à necessidade de criar património hodierno.

O monumental poço-cisterna foi considerado como objecto principal do acervo do Museu e elemento ordenador em torno do qual se desenvolveram as áreas de exposição, sendo visível sob diferentes perspectivas.

A muralha almoada, devidamente distanciada do edifício, mas observável de uma cortina de vidro, é a barreira que, visualmente, forma o alçoda posterior do Museu. Conservando-se integralmente perceptível na sua continuidade, introduz um cenário de grande valor histórico e estético, variável através das diferentes solarizações que acolhe durante o dia, sendo artificialmente iluminada à noite.

Os pisos edificadas sobre o poço-cisterna oferecem aberturas circulares concêntricas, de modo a deixarem penetrar a luz solar, através de uma lanterna implantada na cobertura, iluminando aquelas áreas e o interior da grande reservatária de água.

Além de quatro espaços interligados, dedicados à exposição permanente (Pré-história, P. Romana, P. Muçulmano e P. Português) o Museu dispõe de ampla sala para mostras temporárias, de sala de conferências, de espaços para apoio técnico-administrativo, assim como para armazenagem e conservação dos espólios entregues à sua guarda.



Picara, Oficina Portuguesa, séc. XVI
Arco Urbano de Silves



Preto, Período Omíada, sécs. VIII/IX
Rua da Porta de Loure



Manir, Neolítico Final
Cova da Moura

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Estudos morosos, pacientes e, por vezes, pouco espectaculares, os trabalhos arqueológicos sistemáticos, no concelho de Silves, iniciaram-se, em 1979, com medidas de salvaguarda e escavações no poço-cisterna almoada, assim como junto a uma torre albarrã, hoje em parte recuperada, que lhe fica próxima. Na direcção destas acções colaboraram Rosa Varela Gomes, Caetano de Mello Beirão, José Luís Cabrita e José Luís de Matos. Naquele mesmo ano descobriram-se (M.V.G., R.V.G. e C.M.B.) ruínas do que seria identificado como os testemunhos de uma feitoria fenício-púnica, no sítio denominado Rocha Branca, junto a Silves e sobranceiro ao Rio Arade; assentamento que possivelmente terá dado origem à actual cidade. Este raro arqueossítio, então já seriamente danificado por terraplanagens, foi objecto de três campanhas de escavações, dirigidas pelos seus descobridores, integradas num projecto de investigação, a cargo de Rosa Varela Gomes e devidamente aprovado pelo Instituto Português do Património Cultural, que visa estudar a dinâmica sócio-cultural e económica da presença humana no concelho de Silves. Aqueles trabalhos revelaram sucessivas ocupações, dos finais da Idade do Bronze à Idade Média. Contudo, os níveis mais antigos, melhor conservados, ofereceram abundantes espólios, nomeadamente da I e II Idades do Ferro. A estação vinha a ser destruída, pelo seu proprietário e na totalidade, em 1987.

Em 1984 Rosa Varela Gomes iniciou as escavações no Castelo de Silves que, apesar de ser a mais imponente fortificação islâmica do país, cenário de notáveis factos históricos e culturais, na antiga capital de reinos muçulmanos e cristãos, não tinha, ainda, merecido qualquer estudo científico. Têm decorrido, anualmente, campanhas de investigação nesta alcáçova e parte dos resultados obtidos nos três primeiros anos encontram-se publicados, monograficamente, na revista *Xelb*, órgão de divulgação do Museu Municipal de Arqueologia de Silves. Ali foi identificada desenvolvida sequência de níveis da época muçulmana, por ora única na Península, contendo estruturas e materiais arqueológicos, datados entre os séculos VIII e XIII. Este arqueossítio apresentou as cronologias absolutas mais recuadas para o período omíada até ao momento conhecidas no Ocidente (780 d.C. e 772 d.C.). Os seus espólios osteológicos foram estudados pelos Professores Doutores Armando Santinha Cunha (I.S.M.D./I.M.L.L.) e Miguel Telles Antunes (U.N.L.) e os restos de flora têm vindo a ser identificados pelo Doutor João Pais (U.N.L.).

Um significativo conjunto de estações que denunciam a presença de grupos humanos paleolíticos nos terraços quaternários do Arade, a norte de Silves, foi detectado, em 1985, por Carlos

Penalva. Na mesma data fizeram-se novas recolhas em jazidas daquela época, descobertas em meados dos anos setenta (M.V.G.) e situadas junto à costa. Também naquele ano iniciou-se (M.V.G. e C.M.B.) o reconhecimento da necrópole da Idade do Bronze da Alfarrrobeira (Funcho), onde José Luís Cabrita tinha, em 1970, descoberto uma notável estela decorada. Um dos núcleos deste cemitério, contendo treze sepulturas, foi integralmente escavado em 1988 (M.V.G.), momento em que se identificaram, no âmbito do projecto de salvamento da área a ser submersa pela albufeira da Barragem do Funcho – Alto Arade, algumas outras estações arqueológicas, incluindo uma segunda necrópole da Idade do Bronze que ofereceu nova estela decorada.

No decurso dos últimos dez anos surgiram, ainda, numerosos arqueossítios em diferentes zonas do concelho, desde estações paleolíticas, a assentamentos neolíticos, notáveis menires, assim como povoados ou necrópoles, tanto romanas como medievais. Recentemente, foi descoberto (M.V.G.) um importante santuário rupestre, pré-histórico, no sítio da Rocha, perto de Vale Fuzeiros, formado por elevado número de lajes decoradas com covinhas, debruçadas sobre profundo vale, tendo, por certo, constituído cenário privilegiado de diferentes actividades mágico-religiosas.



Neolítico Antigo e Médio

Muitos dos trabalhos de conservação e, sobretudo, de reconstituição, das peças de cerâmica agora expostas no Museu Municipal de Arqueologia foram executados na oficina de restauro arqueológica da Câmara de Silves. Alguns artefactos metálicos e de vidro foram tratados no Museu Monográfico de Conímbriga, sob a direcção da Dra. Adília Alarcão.

Os trabalhos arqueológicos no concelho de Silves têm vindo a ser suportados pela autarquia, contaram com subsídios do Instituto Português do Património Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian, Região de Turismo do Algarve, e Direcção-Geral dos Recursos Hídricos, e tiveram o apoio do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul.



AS COLECÇÕES

Paleolítico e Epipaleolítico. Os mais remotos sinais da permanência humana, na área do concelho de Silves, foram detectados em retalhos de depósitos quaternários na zona de Santo Estêvão e nas praias fósseis próximas da costa (Torre, Areias de Alcantarilha, Benagaia e Morgado das Relvas). De igual modo, de terraços litorais, situados nas proximidades dos limites do concelho de Silves (Caramujeira e Areias das Almas), provém grande número de artefactos de diferentes períodos do Paleolítico e do Epipaleolítico. Estes testemunhos, podendo, os mais antigos, remontar a cerca de um milhão de anos, são constituídos por conjuntos de instrumentos (raspadores, bifaces, triedros, machados) fabricados, a partir de seixos ou de lascas, pelos caçadores-recolectores que frequentaram aqueles locais.

Neolítico. A sua fase mais recuada, datando do V e IV milénios a.C., pôde ser identificada em povoados abertos, sem defesas naturais ou artificiais, dos planaltos costeiros (Caramujeira e Areias das Almas).

Têm sido recolhidos artefactos neolíticos em muitos pontos do concelho (Rocha, Cumeada, Monte Branco, Monte de Roma, Ilhéu do Rasário, Benagaia, Pêra) e na própria área urbana de Silves, evidenciando a actividade agrícola e económica produtora de alimentos.

Nos finais do Neolítico, longos e pesados formões de arado, de pedra polida, indicam os começos da agricultura intensiva. A este mesmo período pertencem ocupações da Caramujeira e das Areias das Almas, onde se encontra presente a taça carenada, o vaso de borda espessada, interna e externamente, e os pesos rectangulares com perfuração central, assim como numerosas menires e bétulas, alguns decorados com séries de covinhas, bandas de elipses ou de linhas onduladas.

Calcolítico. Desconhecem-se, por ora, estações típicas da Idade do Cobre, na área do concelho de Silves, embora alguns artefactos encontrados dispersos e a exploração antiga de ricos jazigos de cobre (Santo Estêvão,

Cumeada, Picalto) deixem pressupor a sua existência. Da cidade de Silves provém um cadinho para fundição e da zona de S. Bartolomeu de Messines, uma ponta de seta e alguns machados planos. Ainda sugerem a época calcolítica, grandes machados de pedra polida, pesados percutores e espessos mortelos de mineração, descobertos naquela última região.

Idade do Bronze. Armas de bronze, como pontas de seta, alabardas e machados, achados por toda o concelho, mas sobretudo na área urbana de Silves e nos arredores de S. Bartolomeu de Messines, assim como numerosos cemitérios de cistas, atestam a frequência, desta região, pelas comunidades metalurgistas da cultura denominada Bronze do Sudoeste.

A escavação integral de um dos núcleos da necrópole de Alfarrubeira (Funcho) revelou um conjunto de sepulcros constituídos por cistas e tumuli de pedra, de planta oval ou rectangular, maioritariamente orientados no sentido N-S, alguns contendo um vaso de cerâmica. Um menir, deste mesmo local, foi reutilizada, como estela, pelos homens da Idade do Bronze. Monumento raro, que estaria associado a uma cista tardia, desprovida de tumulus, auferia, provavelmente, valor emblemático dado mostrar a figuração de um artefacto, possível símbolo de comando e autoridade, própria das personagens que controlavam o território, a exploração mineira e o comércio por ela provocado.



Vaso, Idade do Bronze
Alfarrubeira

I Idade do Ferro (período orientalizante). Surto civilizacional, na área de influência do legendário e rico reino de Tartessos, conhecido, no concelho de Silves, através de duas importantes necrópoles e de espólios provenientes do Cerro da Rocha Branca, estabelecimento fortificado, possível feitoria fenícia-púnica. Ali se descobriram fragmentos de ânforas e de outros recipientes, alguns com característico tratamento de "verniz vermelho", com cronologia dos séculos VIII-VI a.C. Datas de 14C ofereceram idades compreendidas entre 752 a.C. e 530 a.C.

As duas necrópoles deste mesmo período (Cômoras da Portela e Benaciate) entregaram, entre outros materiais, estelas epigrafadas. Estes monumentos, que mostram uma das mais antigas escritas alfabéticas do Ocidente Europeu e a mais recuada da Península Ibérica, confirmam as intensas relações, comerciais e culturais, de então com o mundo Egeu e Próximo-Oriental.

A estela I de Benaciate é uma das mais notáveis, dado o facto de mostrar, para além dos restos de um texto, um cavaleiro esculpido em relevo, representando o defunto, heroizado, na sua viagem ao "mundo dos mortos".

Pertence aos finais do século VI a.C., ou aos inícios do século V a.C., o fragmento, contendo a cabeça e as duas asas, de uma esfinge, esculpida em calcário, de estilo helénico, por certo do mausoléu de importante personagem.

II Idade do Ferro. Encontra-se bem documentada através das escavações efectuadas na estação da Rocha Branca, núcleo proto-urbano que terá dada origem à actual cidade de Silves. Ali se detectou uma potente muralha, defendida por torres rectangulares, que terá sido reestruturada em torno dos finais do século V a.C. O espólio seu contemporâneo evidencia, por um lado, influências continentais (cerâmicas manuais, decoradas com impressões e incisões, cozidas em ambiente redutor) como cartaginesas ou ibero-púnicas (ânforas, vasos pintados com bandas, cerâmicas cinzentas e de verniz vermelho tardio). Exumaram-se, também, pequenos objectos metálicos e de vidro, restos de fauna, escórias de fundição e fragmentos de cerâmicas gregas (kylix-skyphos de 380-350 a.C., páteras e kylikes, alguns de figuras vermelhas de 375-350 a.C.). O período subsequente revelou claras influências itálicas persistindo, contudo, muitas das formas cerâmicas anteriores, surgindo as cerâmicas companienses, as ânforas ibero-romanas e

denários romanos, de prata datados de entre 149 a.C. e 121 a.C.

Nas cercanias da mina de Santo Estêvão foi achada interessante escultura, de bronze, representando um capríneo, provavelmente utilizada no culto de divindade ctónica (Ategina).

Colonização Romana. Têm sido detectados, no concelho de Silves, numerosas vestígios, de villas e de necrópoles, que denotam romanização intensa; aproveitando tanto as suas férteis áreas agrícolas, como a riqueza mineira, os abundantes recursos marinhos ou, ainda, a localização propícia ao desenvolvimento do comércio com o interior.

A estação da Rocha Branca ofereceu, também, significativa ocupação romana até ao século IV, continuando a auferir carácter marcadamente comercial, como demonstra o elevado número de fragmentos de ânforas ali recolhidos.

Um magnífico capitel, datável no século III e achado junto à Sé, inscrições, algumas moedas e fragmentos de cerâmicas da área urbana, indicam, não só, fundação tardia da cidade de Silves, no local onde hoje se ergue, mas, tratar-se de centro com grande importância.



Capitel Romano, séc. III
Sé de Silves

Unguentário de vidro, Período Romano, séc. I
Necrópole do Monte Branco



Permanência muçulmana. As escavações no Castelo de Silves e na área envolvente da poço-cisterna, ofereceram abundantes espólios em consequência da intensa ocupação daquelas zonas. Os materiais mais recuados puderam ser atribuídos ao início da ocupação muçulmana (século VIII), deles fazendo parte um núcleo de cerâmicas importadas, norte-africanas e orientais (esmaltadas e com decoração policroma), assim como outras de tradição autóctone. Na centúria seguinte avolumam-se os materiais com origem magrebina e surge a decoração de corta-seca parcial, a par das primeiras produções islâmicas peninsulares.

No período califal (século X), registam-se escassas importações, destacando-se peças com decoração de reflexo metálico, provenientes do Egipto (Fustat), e desenvolvem-se as fabricações regionais, com peças vidradas, decoradas a manganês, mas onde predominam os bonitos recipientes policromos e esmaltados ao gosto oriental. Foi exumado, em nível deste período da alcáçova de Silves, um fragmento de placa decorada, de marfim, atribuída às oficinas cordovesas. Também dois capitéis e uma placa, de carácter apotropaico, pertencem a este mesmo período.

Atribui-se ao efémero período do reino taifa de Silves (1048-1063), cerâmicas de corda-seca parcial, possivelmente de origem local e algumas peças vidradas, de cor castanha melada e decoração a manganês. Um dos compartimentos do palácio existente no castelo, possuía estuques policromos com motivos vegetalistas.

No período almorávida assiste-se à grande diversificação das cerâmicas e ao retomar dos reportórios, formal e decorativo, norte-africanos, surgindo as primeiras talhas com decoração estampilhada e policroma.

As últimas ocupações muçulmanas, período almooada (séculos XII-XIII), ofereceram belas colecções de materiais, sobretudo de cerâmicas, vidradas e esmaltadas, lisas ou decoradas por incisões ou estampilhagem.

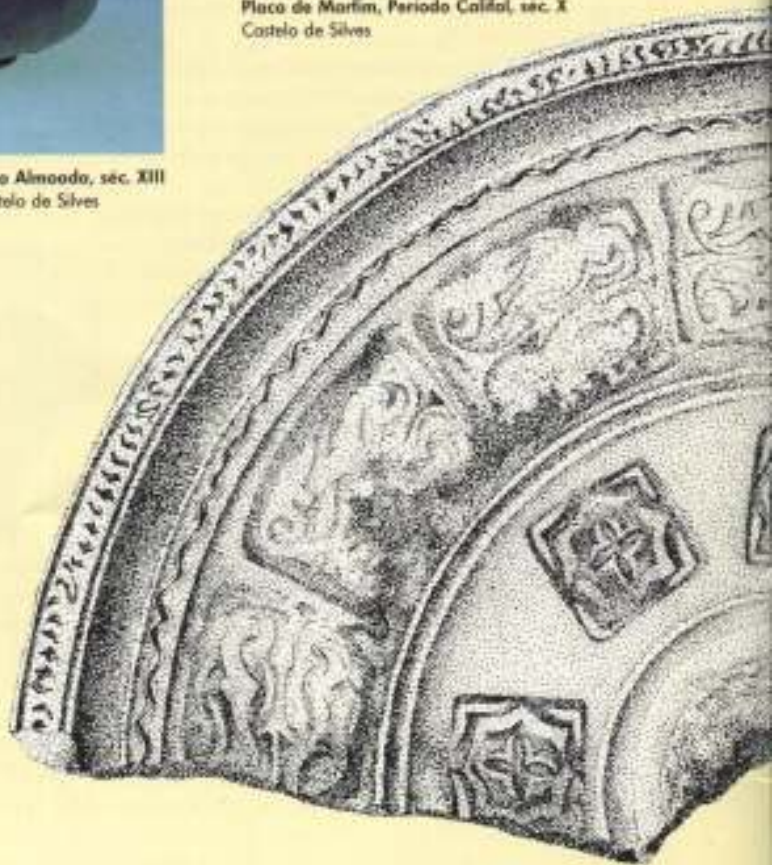
Dois esqueletos insepultos, descobertos no Castelo de Silves, testemunham as suas conquistas, em 1189 e 1240.



Toço Almooada, séc. XIII
Castelo de Silves



Placa de Marfim, Período Califal, séc. X
Castelo de Silves

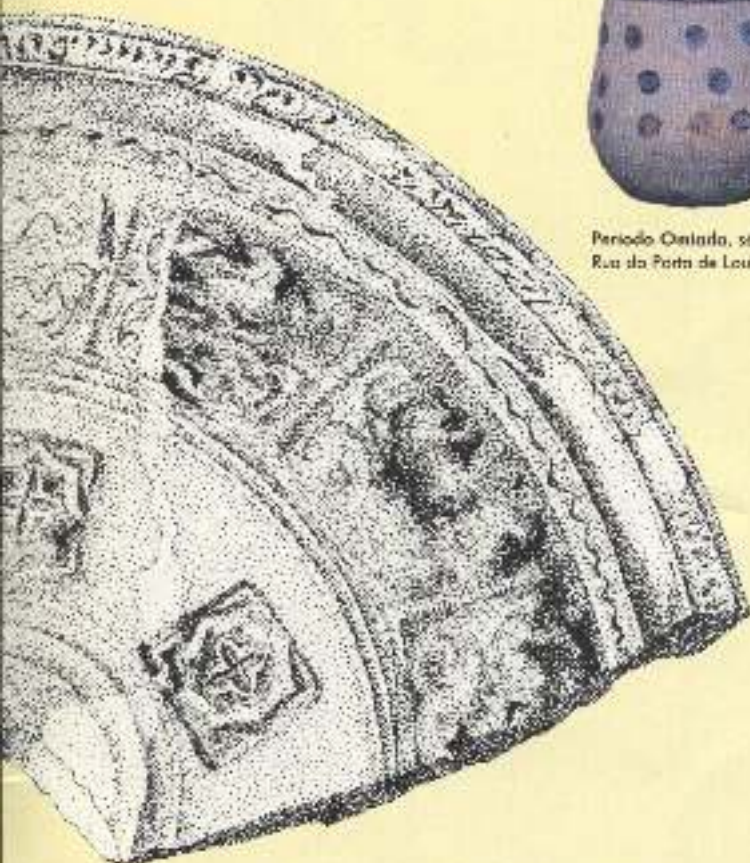




Cerâmica Policroma, Período Omiada, séc. VIII
Castelo de Silves



Período Omiada, sécs. VIII/IX
Rua da Porta de Loulé



Fragmento de Tampo, Período Almoadá, séc. XIII
Área Urbana de Silves



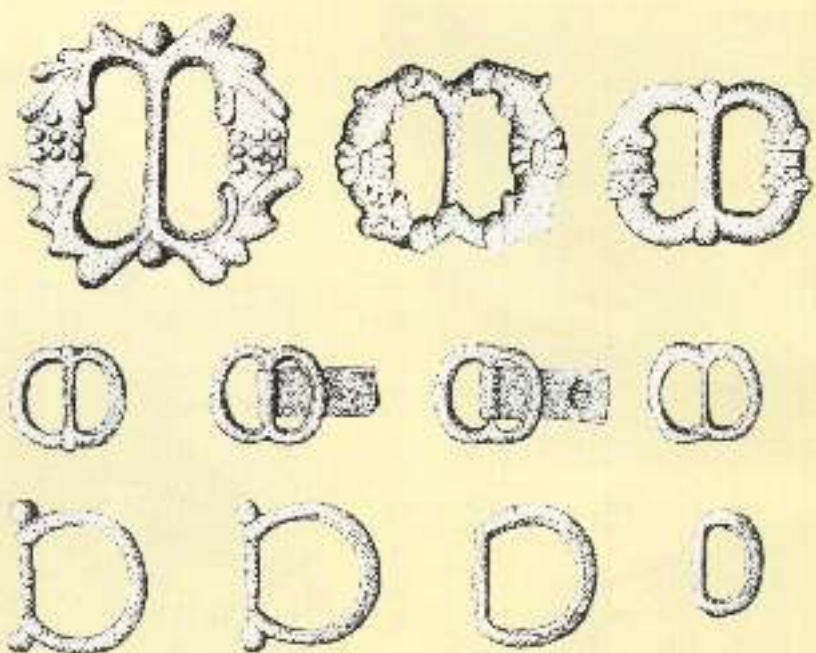
Capitel, Período Califal, séc. X
Ar-liga Micaúta

Séculos XIV a XVI. Tanto na alcóçova como em outros locais da área urbana de Silves, foram encontradas cerâmicas e objectos metálicos que, embora já realizados sob o domínio cristão, reflectem, tanto nos processos técnicos utilizadas (corda seca, esmalte, dourado) como nos motivos decorativos empregues, a mão e o gosto dos artífices muçulmanos ou mudéjares. São exemplo destas produções alguns fechos metálicos, os restos de uma lamparina polilobulada, em bronze dourado, e numerosas peças de cerâmica. Aliás, ainda no século XV laborava, em Silves, pelo menos, um oleiro mouro, conforme informa o seu Livro do Almoarifado (1474), e existia um "forno na mouraria".

Exumou-se excelente colecção de artefactos (cerâmicas, numismas, vidros, objectos metálicos, de osso ou madeira) do poço-cisterna almoada, entalhado nas finais do século XVI, assim como num pátio que lhe ficava anexo. As cerâmicas recolhidas puderam ser atribuídas a produções locais ou regionais, às oficinas norte-alentejanas ou do Barreiro, às de Sevilha, da região valenciana (Paterna e Manises, douradas com reflexos metálicos e esmalte de cor azul), às holandesas, italianas e chinesas. A colecção de majólicas mostra, sobretudo, exemplares de Faenza, Deruta e Veneza.

O espólio de uma casa do século XV, na Rua da Porta de Loulé, entregou importantes exemplares de cerâmicas comuns (cântaros, potes, panelas, escudelas, pratos), algumas importadas (Paterna), assim como um almofariz de pedra, um punhal e moedas.

Século XVII. Encontra-se muito bem documentada a partir do acervo de uma casa situada na rua da Porta de Loulé que sobrepunha níveis e estruturas do século XVI. Ali se recolheram, para além de numismas, de pequenas peças metálicas e de osso, fragmentos de cachimbos holandeses, majólicas italianas, porcelanas chinesas, peças da cerâmica comum e de representativo núcleo de faianças portuguesas. Este é constituído por loiças de mesa (pratos e tigelas de diferentes dimensões), decoradas nas cores azul e violeta sobre fundo branco, com temas geométricos, contos e rendas, com aranhões de inspiração chinesa ou, ainda, com motivos heráldicos. Estes achados demonstram que, apesar da mudança da sede do bispado para Faro nos finais do século XVI, Silves era então habitada por estratos sociais com forte poder económico.



Fechos, séc. XV e XVI
Poço Cisterna



Cerâmica de Veneza, séc. XVI
Poço Cisterna



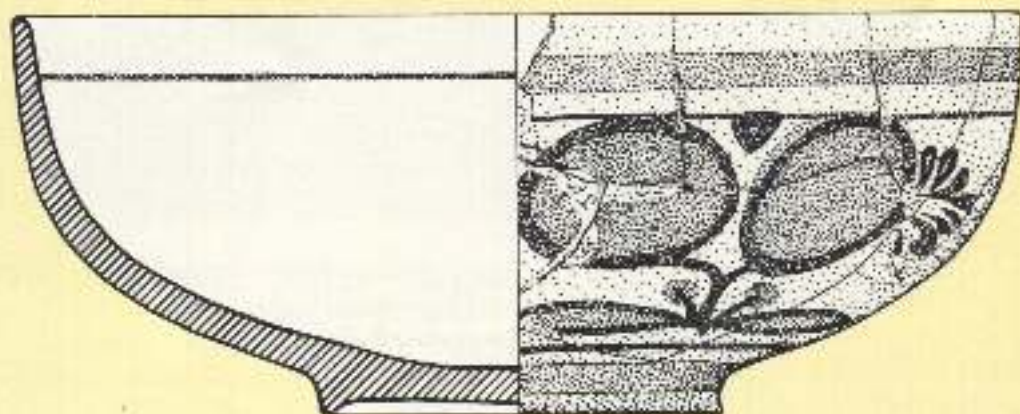
Cerâmica Portuguesa, séc. XVII
Rua da Porta de Loulé



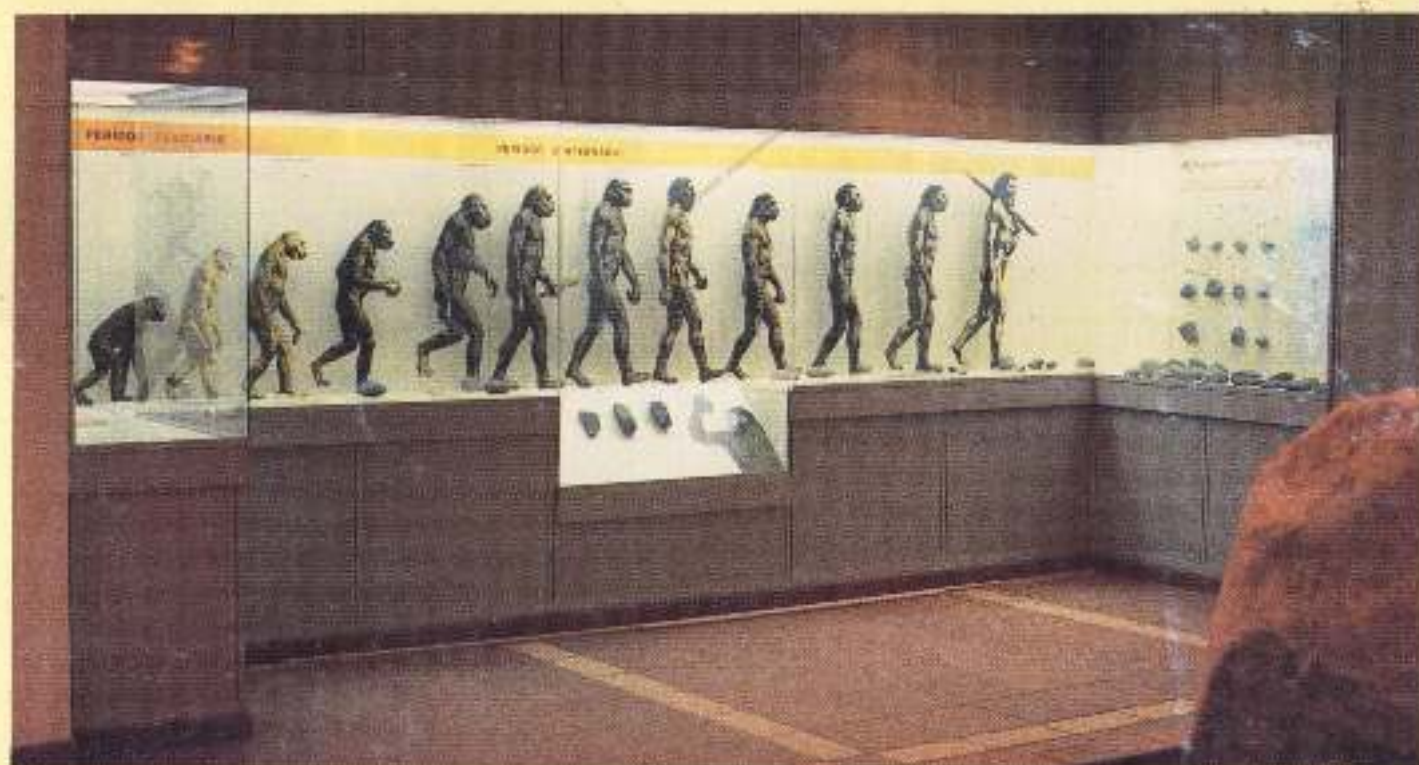
Maniseta, séc. XVI
Poço Cisterna



Tigela, Oficina Veneziana, séc. XVI
Poço Cisterna



Tigela, Oficina Portuguesa, séc. XVII
Rua da Porta de Loulé



Evolução do Homem

Os museus arqueológicos são, hoje, peças quase imprescindíveis do equipamento social das comunidades humanas desenvolvidas. Preservar, reconstituir e divulgar o passado, a partir do estudo das suas origens, e da sua evolução tecnológica, socioeconómica, ideológica, artística ou mágico-religiosa, em determinada área geográfica, são os principais objectivos e funções destas unidades culturais. Assim, melhor se compreenderá o presente e se poderá preparar o futuro, reconhecendo-se o Homem tanto como herdeiro de tradições sucessivas como de diversificadas conquistas culturais. Esta perspectiva impõe a criação do Museu Municipal de Arqueologia de Silves, dedicado à conservação, estudo e exposição do rico património material, artístico e científico, proveniente do concelho ou da área geográfico-cultural onde ele se insere.

Velha aspiração das gentes de Silves, o Museu acolhe e valoriza como principais peças do seu acervo, o monumental poço-cisterna e significativo sector da muralha que cercava a antiga cidade, assim como raros espólios encontrados durante importantes escavações sistemáticas realizadas, nos últimos dez anos, no concelho. Outras peças, provenientes de núcleos públicos e privados, foram integradas no Museu e, finalmente, poderão ser contempladas tanto no espaço geográfico como no percurso civilizacional a que pertencem.

O Museu Municipal de Arqueologia deverá tornar-se num pólo de divulgação das grandes potencialidades culturais da região e em órgão vivo, capaz de criar atractivos e hábitos culturais enriquecedores, tendo especial atenção para com as populações escolares e para com as que vindas de fora esperam conhecer a identidade cultural dos povos dos terras que visitam. Neste sentido, as exposições do Museu procuram atender tanto à importante vertente didáctica, como ao rigor científico, ou aos aspectos respeitantes à simples fruição lúdica.

As colecções expostas permitem uma viagem ao passado humano, no concelho de Silves, desde os tempos remotos do Paleolítico ao século XVII, com especial relevo para os espólios da idade medieval.



Frasco Almoada, séc. XIII
Lado do Silves